



## Políticas e Poéticas do *Acontecimento*: do silêncio a *um risco de voz*

Alda Regina Tognini Romaguera

Universidade de Sorocaba – UNISO, Sorocaba/SP, Brasil

Alik Wunder

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas/SP, Brasil

**RESUMO – Políticas e Poéticas do *Acontecimento*: do silêncio a *um risco de voz*** – Interessamos pensar poéticas e políticas das imagens e palavras em uma escrita atravessada por experiências (oficinas, saraus, exposições...) que aconteceram no projeto de extensão *Oficinas de leitura e criação com palavras e imagens*, desenvolvido pelo Núcleo de Leitura Fabulografias - ALB, ao longo dos anos de 2013 e 2014. Como extrair das palavras e das fotografias sua significação fazendo-as vibrar, tornando-as múltiplas? Lançar-se ao *acontecimento* em encontros, pensamentos e composições poéticas e fotográficas, um dos desafios de um espaço de experimentação coletiva em torno dos ventos que percorrem encontros do Coletivo Fabulografias. Entre outros: romper as ordens discursivas e fazer ecoar vida desde dentro de um tenso silêncio que paira. Com/por uma educação que quer diferir in-ventando pelas potências da arte e da filosofia de Gilles Deleuze. Palavras-chave: **Fotografia. Poesia. Acontecimento. Educação.**

**ABSTRACT – Politics and Poetics of the *Event*: from silencing to a risk of voicing** – Our interest is to think of politics and poetics of images and words in writings traversed by the experiences (workshops, soirées, exhibitions...) that have taken place in the extension and outreach project *Reading and Creation Workshops with Words and Images* developed by Fabulografias - ALB Center for Reading, throughout the years 2013 and 2014. How to extract the significance from words and photographs and make them vibrate, make them multiple? Launch the *event* in gatherings, thoughts and poetics and photographic compositions. One of the challenges of a plane of collective experimentation around the minority becoming, winds that blow in the meetings of the Collective Group Fabulografias. Among other things: doing away with the discursive orders and making life resonate from within a tense silence that drifts nearby. *Compose* an education that differs, blowing from within the potencies of art and the philosophy of Gilles Deleuze.

Keywords: **Photography. Poetry. Event. Education.**

**RÉSUMÉ – Politiques et Poétiques de l'Événement: du silence au souffle de voix** – Il nous intéresse, dans cet article, de penser les poétiques et les politiques des images et des mots dans une écriture traversée par des expériences (ateliers, présentations, lectures, expositions...) qui ont eu lieu dans le cadre du projet 'Ateliers de lecture et création avec des mots et des images' développé par le Centre de Lecture Fabulographies - ALB, en 2013 et 2014. Comment extraire des mots et des photographies leur sens, en les faisant vibrer, en les rendant multiples? Se lancer dans des rencontres, pensées et compositions poétiques et photographiques, est l'un des défis d'un espace d'expérimentation collective tel que le Centre Fabulographies, notamment en rompant les ordres discursifs et en faisant résonner la vie après un silence. Avec/pour une éducation qui se veut différente en s'in-sufflant par les puissances de l'art et de la philosophie de Gilles Deleuze. Mots-clés: **Photographie. Poésie. Événement. Éducation.**

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida  
para o canto – desde os pássaros.  
A palavra sem pronúncia, ágrafa.  
Quero o som que ainda não deu liga.  
Quero o som gotejante das violas de cocho  
A palavra que tenha um aroma ainda cego.  
Até antes do murmúrio.  
Que fosse nem um risco de voz.  
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.  
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.  
O antesmente verbal: a despalavra mesmo.  
(Manoel de Barros, 2002, p. 53)

Convidamos o poeta, desde o título, para apresentar nosso desejo de escrita neste texto, que se faz atravessar por experiências que aconteceram no projeto de extensão *Oficinas de leitura e criação com palavras e imagens*<sup>1</sup>, ao longo do ano de 2013 e primeiro semestre de 2014. O convite que fazemos é o de olhar desde dentro para o processo de criação do Núcleo de Leitura Fabulografias - ALB, observando o avesso desse trabalho de formação, desenvolvido com um grupo de estudantes bolsistas de graduação da Universidade Estadual de Campinas. Interessa-nos pensar tal processo pelas potências poéticas e políticas das imagens e escritas e o conceito de *acontecimento*. Com Manoel de Barros, invocamos imagens e palavras que tenham nascido *para o canto*, no *antesmente verbal*, impronunciáveis, irrepresentáveis, que habitam o *antes do murmúrio*, num *risco de voz*, nos mostrando *a cintilância dos escuros*...

Com Ribeiro (2011, p. 627), indagamos: “[...] o que é o ato do pensar, em educação, na contemporaneidade?”. A autora argumenta com Foucault e Nietzsche pela necessidade de se interromper o “[...] vício expressivo e representacional da maquinaria reflexiva, com toda sua reverberação identitária do conhecer” (Ribeiro, 2011, p. 627), para que se abra a possibilidade de pensar a impensável diferença, potencializando a condição do fora do pensamento, assumindo outros modos de formulação de problemas. Com Foucault, Deleuze (1988, p. 124) nos diz de um pensar que é experimentar, é problematizar:

Problematizando o pensamento pelo Saber, pensar é ver e é falar, existência singular e limitada; se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. Pensar é fazer com que o ver atinja o seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro separando-os.

Problematizar pensamentos *no interstício* do ver e do falar, no limite do encontro e da separação; pensamentos fazendo problema ao tomar imagens e palavras *na disjunção do ver e do falar*. Entre criações fotográficas e poéticas, buscamos as potências do encontro e da disjunção, do ver e do criar visagens.

Propomo-nos a uma intercessão com potências criativas, problematizando pensamentos, singularidades variáveis manifestas em relações de forças múltiplas, com/por uma educação que quer diferir in-ventando pelas potências da arte e da filosofia de Gilles Deleuze. Provocar devires-educação na/pela criação, abrindo brechas para uma educação-invenção esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontros, girando ventos em pensamentos.

Com Romaguera (2010), tentativa de pensar com/por outros movimentos, que se fazem na/pela repetição que difere, como que em Heráclito *dever*, abrindo possibilidades de produzir pensamentos na educação. “Cavar no entre um espaço-temporalidade do *acontecimento*, vida indefinida que resiste, desafia e suporta o nada que paralisa e provoca uma educação da criação. E pela criação e(m) escrita se resiste educação” (Romaguera, 2010, p. 44). Com Wunder (2010), pensar a criação fotográfica menos por sua força de retenção e documentação. Apostar na pulsação vibrátil das imagens fotográficas, na sua força inventiva e ficcional que se dá entre a finitude e a infinitude do tempo, “[...] escorregar por *entre-lugares*, por um *entre* indefinido que gera o *acontecimento* como quase, como força indizível – o sentido último que nunca se alcança – e no padecer da impossibilidade, quem sabe, gerar palavras outras, sentidos outros” (Wunder, 2010, p. 160). Com Deleuze e sua proposta do pensamento por experimentação, é possível pensar outras abordagens para as palavras e para as imagens na educação – fora do campo da representação –, tornando-as múltiplas? Como enveredar por experimentações com as linguagens na educação quando se percebe, ao mesmo tempo, um excesso e uma falta de palavras e imagens para dizer de *acontecimentos* que nos abalam e silenciam? Como romper as ordens discursivas já dadas e enveredar pelo não-dito, por uma via de criação sensível? Como fazer ecoar vida desde dentro de um tenso silêncio que paira?

O experimentar que buscamos dá-se no encontro com a palavra poética, com as fotografias e também com pessoas, espaços, gestos, sons, tensões, experiência de vida... Um experimentar que prevê uma

atmosfera apta ao encontro, um preparo de espaços-tempos sensíveis à diferença ainda sem nome, à palavra sem corpo, à imagem sem referente, a um silêncio que ecoa sem lugar no mundo das palavras e nas imagens conhecidas. O experimentar como desejo de *partilha do sensível*, como nos instiga a pensar Rancière (2009), como arte de produzir encontros e perder-se... Arte da ética, ao “[...] organizar os bons encontros, compor relacionamentos vivenciados, formar as potências, experimentar” (Deleuze, 2002, p. 124). Com Garcia (2007, p. 113), “[...] transitamos assim, por saberes, culturas, artes, existências, espaços e tempos... Nas paisagens conceituais, existenciais, quanto mais nos perdermos, mais podemos”.

O grupo de universitários, pesquisadores e artistas convidados do projeto de extensão envolveu-se (e perdeu-se) durante um ano em processos de criação conjunta, tendo como tema as africanidades, os ventos-áfricas que nos percorrem. A pergunta sobre que *Áfricas nos ventam* foi um disparador para gerar encontros entre alunos de escolas públicas, artistas, grupos de música, danças e capoeira, movimentos culturais e sociais, pesquisadores etc. Apostamos no desejo e na potência do encontro ao desenvolvermos oficinas de fotografia e poesia, exposições, projeções, saraus e instalações. Esses movimentos lançaram o grupo a criar fotografias, vídeos, sons e composições entre palavras, imagens, notícias, artigos em diversos ambientes: centro de cidadania em bairro periférico da cidade, casas de cultura, escolas, seminários e congressos, moradia estudantil, praças públicas... Em cada espaço, de diversas formas, havia um convite a uma experimentação coletiva: banquetes de imagens e palavras, em uma mesa, em um tapete de imagens, em uma caixa, nos jardins de uma praça, nas paredes de um banheiro público. Um convite à criação e abertura de um espaço-tempo para composições coletivas.





Figura 1 – Fotografias dos encontros-exposições-saraus realizados no Centro de Cidadania, Jardim Vida Nova e no Bosque do DIC III, Campinas, 2013.

*Pra que isso, moça?* Pergunta aparentemente inocente, que nos coloca diante do exercício da explicação. Ainda mais quando feita por um ser tão aberto e sensível ao mundo: uma criança. Perguntas formuladas com este viés sensitivo e olhar imaginativo, esperando a cada piscadela estar diante do fantástico, são as mais difíceis de serem respondidas... Num turbilhão de memórias, crianças desenhavam e escreviam. Chegavam aos montes. Curiosas, mexiam os postais, intervinham neles com cores e formas. O grupo de dança afro Savuru embalava o ambiente, misturando sua música e movimento as fábulas gráficas espalhadas pelo jardim. Intervimos neles e eles em nós. Estar naquele local foi um acontecimento que marcou o início de novas

parcerias, novas propostas, novos caminhos e nos presenteou com uma pergunta que deixará sempre aberta a novas possibilidades os percursos por onde trilharemos: *afinal, pra que tudo isso?*<sup>2</sup>.

### ***Mesa das cores: foto-escrita-experimentação***



Figura 2 – Fotografias das exposições realizadas na Casa de Cultura Afro – Casarão da Roseira no evento *Sou África em todos os sentidos* e na Moradia estudantil da Unicamp – 2013, Campinas.

Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristais, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de serem escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho... (Galeano, 2009, p. 174).

Composições, sobreposições e disjunções entre fragmentos de livros, poemas rasgados, ilustrações e fotografias. Contingentes e potentes encontros entre poemas e imagens num jogo de experimentação fotográfica e escrita. Fabulações entre palavras e imagens. Uma mesa, livros abertos, fotografias, uma câmera... Mãos tocam poemas, que tocam imagens, que tocam desenhos, que tocam lentes, que tocam texturas, que tocam o traço das palavras multiplicado pelo jogo fo-

tográfico. Fotografia-texto. As foto-escritas experimentais derivam de exercícios de mixagem que se in-ventam a cada encontro, movidos pela pergunta: o que podem as palavras frente à força das imagens?

Extraír da palavra sua significação, fazê-la vibrar, é um dos desafios quando se cria um espaço de experimentação coletiva. O que se oferece à degustação nesse banquete: imagens – cartões postais, vídeos e palavras – poemas de escritores e produzidos em outras oficinas de criação. O que se pretende é potencializar na palavra o desejo, (des) vestir, fazer surgir o corpo da palavra, a carne da palavra, a palavra-gesto prenhe de cores e sons, o susto, os giros de escritura do desejo, escrit-experimentação.

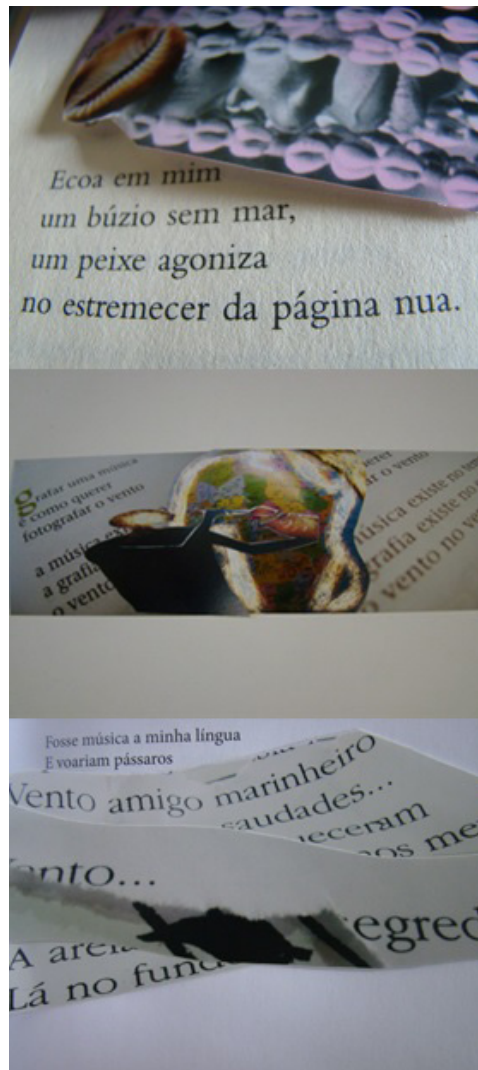


Figura 3 – Fotografias produzidas em oficina realizada no Centro Cultural Casarão, Campinas, 2013.

Deleitamo-nos com um banquete imagético, oferecido aos presentes para degustação dos postais criados em oficinas anteriores e de

poemas de alguns escritores africanos e brasileiros. Dos diálogos com estas palavras e imagens, foram produzidas outras, novas e potentes, pelas fotocomposições com objetos, com corpos e em sintonia com o Casarão, lugar fértil de estímulos para atos de criação. Respondemos ao chamado das imagens escolhendo objetos, poemas e espaços para socializar percepções. Houve também uma intensa manipulação dos livros disponíveis na biblioteca do Casarão. O exercício proposto consistiu em escolher frases dos livros que conversassem com as imagens escolhidas. Dessa forma, os participantes puderam navegar pelo rico acervo e misturar imagens com palavras, criando frases e versos<sup>3</sup>.

A maneira como as pessoas e os ambientes compõem-se com as indagações que são afloradas não seguem uma ordem de ligação pré-estabelecida. No entanto, estabelecem uma rede de conexões que não dependem de elementos hierárquicos, comumente, infiltrados no discurso. Dessa maneira, as composições são sempre permeadas de elementos singulares em conjunto com a pluralidade de outras produções. O ato convidativo e livre de dialogar com as imagens-poemas têm surtido composições de uma força encantadora<sup>4</sup>.

Pensar com Rosalind Krauss (2002), o fotógrafo como escritor e a máquina fotográfica como substituta da mão, instrumento da escrita e não da visão instantânea. Corpo da palavra. Carne da palavra. Palavra-gesto, prenhe de cores e sons. Palavra encenada. Cenários fotográficos. Susto, invenção, giros, puro pensamento. Imagem-escrita-experimentação. Pensar a escrita como dança das palavras, como viagem da língua na língua: “[...] uma literatura e uma escrita cuja alma, sempre carnal, nervura e gozo sem entraves da língua, na língua, está para além das regenerações, das reproduções das hidras e medusas. Rizoma é só produção, dança das palavras, viagem da língua na língua” (Lins, 2012, p. 01).

Escrita política, ex-crypta, esconderijo, *kryptós gráphein*, escritura do desejo. Puro pensamento, acontecimento, escrit-experimentação. *Fa(bu)lar*. Burlar com a palavra roubando-lhe explicações, bulir escrit-imagens na busca por uma política visual, em que palavras/imagens oportunizem a criação de novas visualidades e visagens na relação com a arte e a cultura. Tais elementos se expressam ética e esteticamente nessas imagens, fotografias-textos, que estabelecem conexões profícuas com a proposta de pensar a Educação como plano de composição que desenha o mundo enquanto acontece (Amorim, 2008; 2001).



*Falar.* Deixar escapar aos ventos, in-ventar. Inspirações para o exercício de dizer-se, experimentações *spoken word*, arte literária ou performance artística que provoca a falar letras de músicas, poemas ou histórias, em vez de cantá-las. No limite entre gêneros artísticos, a ênfase é mantida nas pessoas que falam. Recitação que se faz nos/dos encontros com fragmentos de escritas e imagens degustadas no banquete, pelo princípio da aleatoriedade, numa criação instantânea, coletiva, singular. Uma prática poética e política que foge de um dizer previsível, memorizado; num fio de voz, diz-se... Busca por uma política visual, em que palavras/imagens oportunizem a criação de novas visualidades e visagens na relação com a fotografia. Imagens e escritas a se desenhar com/por experimentações escritas. Lugar de experimentação, dialogando e contribuindo para a criação dessa amálgama coletiva.

Uma escrita-experimentação que aposta na criação de palavras e imagens singulares; um entreter e entremear e entrever planos, no movimento turbilhonante que se gera nesses encontros, potências ampliadoras para outros (des)entendimentos sobre educação. Linhas de fuga, que não convergem para nenhum ponto de meio, de margem ou de caminho, que perspectivam o infinito, que ressoam nesse estilo de escrita, lançam pensamentos para a singularidade:

Cabe deixar viajarem a língua e as palavras, pôr a língua em *variação contínua*, pois é assim que se podem esvaziar os conteúdos, desfazer as formas e deixar passar algo assinificante, informal, assubjetivo. A *variação contínua* é como o rizoma, não tem princípio nem fim, mas meio; não é arborescente, não tem raiz, é órfã. É encontro. É uma espécie de bate-papo entre internautas: só se entra pelo meio. Neste sentido, a *variação contínua*, a escrita como puro devir, desterritorializa as dualidades, as oposições pertinentes, para, por meio da vibração das palavras e do estremecimento das regras, *provocar*, no sentido também de vomitar, uma cheia, uma inundação, uma libertinagem, profusões de signos úmidos, secos, irrigados e, assim, abrir alas para uma língua desviante que fia e engendra um sentido novo, inédito: uma escrita por vir (Lins, 2012, p. 04).

Roubar da arte aquilo que resiste, e resistir por um estilo de escrita. “A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (Deleuze, 1992, p. 215). Deleuze problematiza um pensamento que resiste na/pela criação. A capacidade criativa manifesta-se em ação política quando nos convida a pensá-la como

força de um corpo que resiste à submissão, contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos. Resistência que se faz na/pela força de criar algo novo, que se instala nas singularidades do acontecimento como num devir. Revolucionário devir que resiste em obras de arte, em movimentos artísticos que operam em linhas de fuga, como máquinas de guerra. Linhas de fuga criando impropriedades na singularidade sem identidade, na busca por uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, por vir,

Porque se os homens, em vez de procurarem ainda uma identidade própria na forma agora imprópria e insensata da individualidade, conseguissem aderir a esta impropriedade como tal e fazer do seu ser-assim não uma identidade e uma propriedade individual mas uma singularidade sem identidade, uma singularidade comum e absolutamente exposta, se os homens pudessem não ser-assim, não terem esta ou aquela identidade biográfica particular, mas serem apenas *o assim*, a sua exterioridade singular e o seu rosto, então a humanidade ascenderia pela primeira vez a uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, a uma comunicação que não conheceria já o incomunicável (Agamben, 1993, p. 52).

Frente à força das imagens, praticar a resistência/existência na/pela criação, força das palavras neste encontro que devem foto-escrita-experimentação em/pela sua exterioridade singular.

### *Elas levam vida em seus cabelos*<sup>5</sup>

Um só olhar pode  
ser uma voz não dita...  
Um só silêncio pode ser nossa voz não dita  
ainda nunca dita  
para ecoar um silêncio  
bastou gritarmo-nos para dentro  
num gritar aprofundo...  
(Ondjaki, 2002, p. 28).

*Para ecoar um silêncio* este projeto propôs diversas experimentações com a linguagem poética e fotográfica, *num gritar aprofundo...* Um experimentar que é um gesto de abertura à multiplicidade e à diferença, à rajada imprevisível gerada no encontro com o *outro*: do pensamento, da palavra, da imagem... Uma alteridade dada pela criação artística, por “[...] operações que produzem uma distância, uma dessemelhança” (Rancière, 2012, p. 15), um desequilíbrio no já pensado, sentido e visto. Nos espaços-tempos de experimentação

coletiva buscamos dar aos temas que abordamos “[...] uma locução que exacerba a expressão de um sentimento ou torna mais complexa a percepção de uma ideia; uma palavra ou um plano no lugar daqueles que pareciam inevitáveis” (Rancière, 2012, p. 15).

Perambulando pelos ventos-áfricas, as criações imagéticas e poéticas sobrevoaram encantamentos, silêncios, tensões, olhares, clichês, dores, fascínios, curiosidades, desconhecimentos e preconceitos. As experimentações desejavam que os ventos ligados às africanidades se encontrassem, ao lançarmos o convite para que fossem trazidos objetos, palavras, imagens, adereços, corpos, encenações aos ensaios de criação. Nas oficinas realizadas com estudantes universitários da equipe do projeto, uma das pessoas nos trouxe, durante algum tempo, apenas seu silêncio e um corpo inquieto: parecia não haver palavras e imagens para expressar a experiência de ser negro(a) numa universidade de brancos. Um grito contido que reverberou no grupo, que se entremeou a outras experiências e narrativas e que disparou processos de criação: produção de fotografias, de sons, de vídeo e exposições...

Para Deleuze (2003), o conceito de *acontecimento* está na ordem do resto da linguagem, naquilo que escapa à possibilidade de dizer. O *acontecimento* não é um fato ocorrido, mas um contínuo deslizamento da linguagem por aquilo que não se pode dizer, em palavras, em imagens. Aquilo que não se pode dizer, pois não é permitido pelos controles da linguagem e contratos sociais e culturais, aquilo que foi silenciado, que resta como um grito, não é representável.

A criação artística se colocou como desafio de produzir um possível no impossível do dizer o *acontecimento*, vibrar na inquietação de um grito calado, buscando romper com os modos habituais do dizer. Foram em experimentações fotográficas, em movimentos de leitura e de escrita poética coletiva e de recitação de poemas, em relatos de experiências, em composições entre imagens e palavras para exposições, artigos e notícias para nosso blog, que buscamos o *acontecimento no dizer, acontecimento do dizer* (Vilela, 2010, p. 395):

Algo acontece: é uma espécie de abismo – também a minha língua não acompanha o ritmo do acontecer – nem verdadeiro nem falso – verdadeiro e falso, a um só. Solidão do tempo, espectro da noite dos tempos – imemorial – num corpo ritmado, alegria e dor, à força da vida. Essa vinda, no seu extravasamento brutal, não nos permite nenhum dis-

tanciamento face a ele, que seja de seu pressentimento ou de sua consciência. Estamos aí, continuamente desprotegidos face ao acontecer antes do seu nome e do seu verbo [...] Procuo um signo que desenhe a gramática de sua irrupção, mas nessa gramática apenas se tece a ruína da origem e da palavra e da história (Vilela, 2010, p. 410).

Dizeres que se reconhecem apenas como riscos, rastros... como um desejo de acompanhar um ritmo irrepresentável, de desenhar uma gramática outra atravessada pelas muitas noites dos tempos. Trazemos aqui narrativas imagéticas e verbais recolhidas, entrelaçadas e redesenhadas em um ano de projeto, em torno da tensão que nos perpassava, reconhecendo este exercício de escrita como um outro *acontecimento*. Na composição entre fragmentos de escritas e imagens, um desejo de vibrar em ressonância com situações vividas, sem significá-las, buscando dar alguma forma às reverberações dos contidos gritos, sussurros e silêncios. Dizeres como formas de movimentar pensamentos, de nos percebermos *desprotegidos face ao acontecer...* Aceitamos o desafio, assumimos este *risco de voz*, desafiamo-nos a continuar à espreita, fazendo bons problemas, abrindo espaços para talvez tocar outras palavras e imagens.



Figura 4 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casarão, Campinas, em 2014.



Por mais negros que crucifiquem ou pendurem em ganchos de ferro que atravessam suas costelas, são incessantes as fugas nas quatrocentas plantações da costa do Suriname. Selva adentro, um leão negro flameja na bandeira amarela dos cimarrões. Na falta de bala, as armas disparam pedrinhas ou botões de osso; mas a floresta impenetrável é o melhor aliado contra os colonos holandeses. Antes de escapar, as escravas roubam grãos de arroz e milho, pepitas de trigo, feijão e sementes de abóbora. Suas enormes cabeleiras viram celeiros. Quando chegam aos refúgios abertos na selva, as mulheres sacodem as cabeças e fecundam, assim, a terra livre (Galeano, 2009 p. 97).



Figura 5 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casaráo, Campinas, em 2014.

De longe o cheiro de dendê, de perto, seu porte imperial, O turbante cobre os cabelos brancos e o grande corpo vestido de branco senta em seu trono. Ainda mais de perto, mãos e anéis cintilantes trazem o azul de um mar atemporal e os dedos-tentáculos envolvem-nos em sua negra-pele-mãe-áfrica. Um dia na infância, por volta de 1950, recebeu bolsa de estudos em escola particular da cidade, primeira negra lá a estudar. Não esquece terríveis dizeres. Anos mais tarde, primeira negra em uma fábrica de tecidos. Não esquece tudo o que leu nas paredes do banheiro em seu primeiro dia de trabalho. Escritas anônimas, violentos dizeres. Não se rende e por lá continua até abrir sua banca de acarajés na feira da cidade<sup>6</sup>.

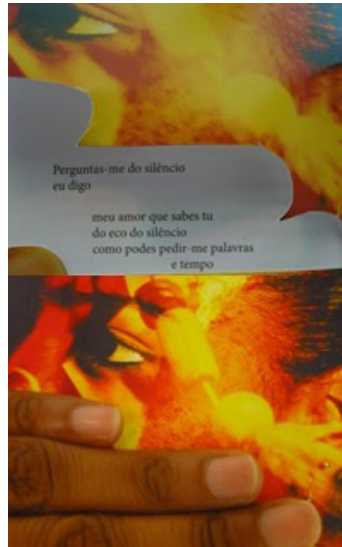


Figura 6 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casarão, Campinas, em 2014.

Ela estuda na Universidade Estadual de Campinas em 2014. Seus cabelos negros e crespos vão ganhando vida e liberam-se desde os primeiros dias de aula. É pelos cabelos que os ventos-áfricas passam. Os cabelos ganham flores e turbantes como gesto de resistência àqueles que perguntam a ela de que país africano vem – Guiné-Bissau, Angola ou Moçambique? Os intercâmbios internacionais com países lusófonos africanos são o principal motivo de pessoas negras estudarem na universidade. Nó na garganta, silêncio e raiva. Há de se buscar outros dizeres que façam sacudir as sementes de sua cabeleira...<sup>7</sup>

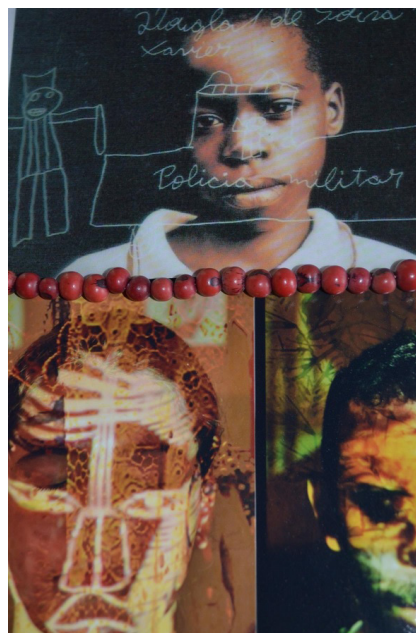


Figura 7 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casarão, Campinas, entre 2010 e 2014.

Panos brancos, fotografias pelo chão. As crianças, e quase só elas, se arriscam a chegar. As grandes fotografias é o que mais chama a atenção, assim como os postais que podem ser levados. Duas delas – um menino magro de 5, de mãos dadas a uma menina de 3 anos – entram e demoram-se em cada imagem. Lentamente, abaixam-se, olham em notável cumplicidade o anel azul, os búzios das mãos que a foto oferece. E o que acharam das fotografias? O maior pede para falar nos ouvidos, como algo que sabe, precisa se manter em segredo: *Gostei muito porque as fotos falam que o candomblé é bonito...*<sup>8</sup>



Figura 8 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casarão, Campinas, entre 2010 e 2014.

vozes ventam  
silentes ventanias  
sei: a solidão  
ecoa de modo silencioso  
para ecoar num silêncio  
sei: um grito profundo  
ecoa aqui dentro  
para silenciar um eco  
Ninguém  
Alguém  
Outrem  
silenciosos fios  
sendo costurados  
no tempo de áfricas  
em nós  
vibrar no eco do grito  
que já não se ouve  
na tensão  
deste silêncio oco  
suor

lágrimas  
risos  
cores  
há um esverdear  
com lembranças perdidas  
do que quis ser  
azul<sup>9</sup>

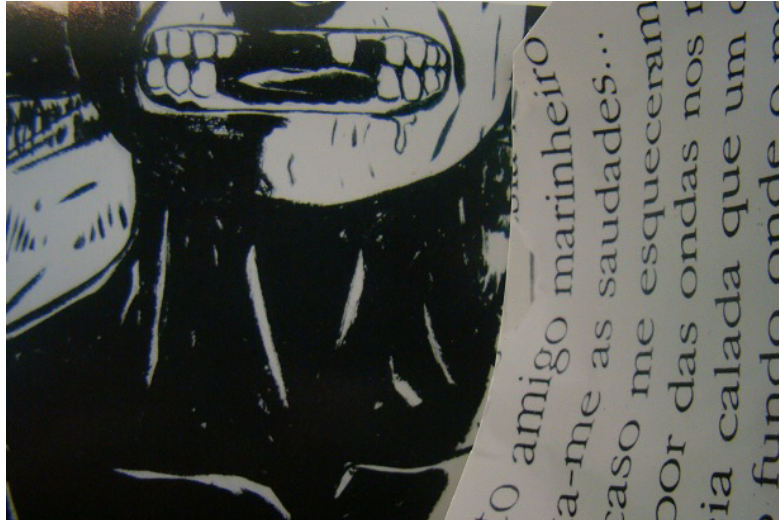


Figura 9 – Fotografia produzida em oficinas realizadas no Centro Cultural Casarão, Campinas, entre 2010 e 2014.

Depois de tanta violência explícita e velada retornamos repletos, retornamos ao que é calado e velado e revisitamos um dos lugares onde o racismo manifesta-se o banheiro público com o intuito de ressignificá-lo artisticamente. Nos banheiros instalações com imagens e palavras que convidavam o público a uma imersão e criação... Paredes, chão e cerâmicas se vestiram de novas cores a partir da intervenção do grupo. Palavras ventavam novas ideias em um ambiente inusitado. O simples ato de ir ao banheiro tornou-se um acontecimento, um espaço para fértil reflexão e criação a partir da cultura afro-brasileira<sup>10</sup>.

Poetar nos/pelos banheiros de uma importante universidade brasileira durante um congresso de leitura. Modo de re-existência, intervenção deslocando espaço temporalidades em fragmentos de imagens e palavras. Sonoridades e formas convidando ao inusitado: pichações em espaços público-privados, fazendo problemas: banheiro público é espaço privado? pichação é infração? poesia é sempre texto? como pulsar o poético nas/das imagens? o espaço de/para produções artísticas é o museu? poetizar roubando pedaços de versos e imagens que se deixam pregar nas/pelas paredes/teto/chão. Azulejar dizeres



deslocando olhares: provocações, estranhamentos, desejos coletivos de deixar marcas em sanitários. Tempo intervalar, fora do lugar; onde e quando em variações brincantes com Duchamp, grafiteiros, arteiros...

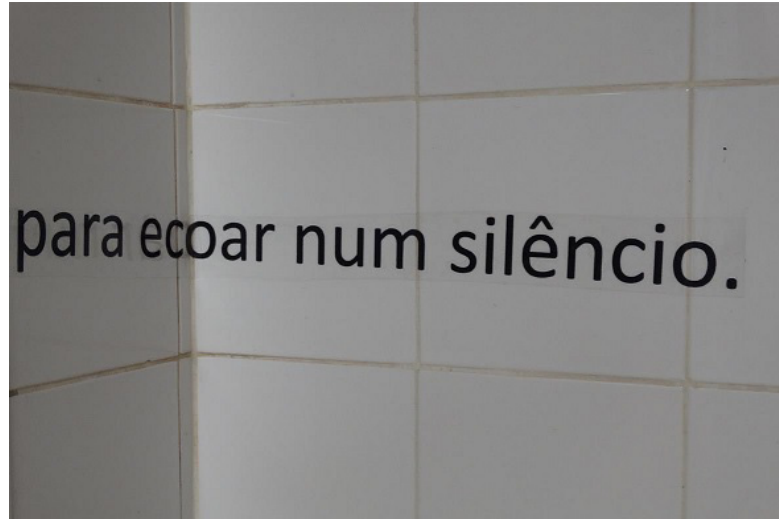


Figura 10 – Fotografia de exposição realizada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, Campinas, 2014.

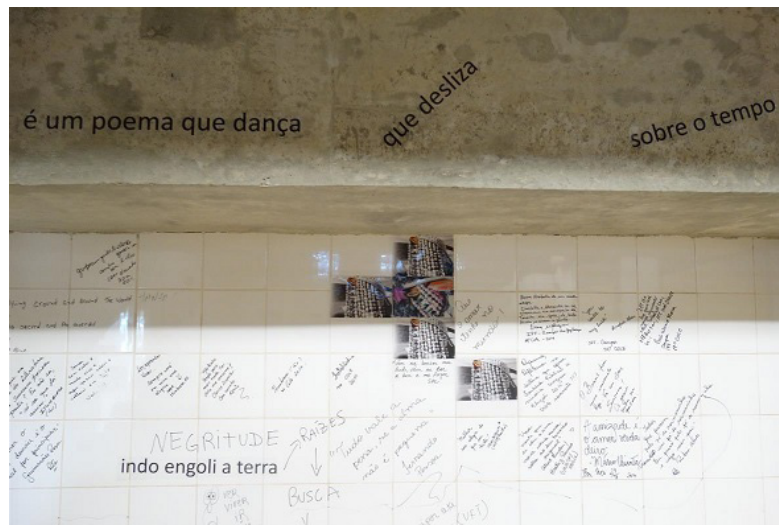


Figura 11 – Fotografia de exposição realizada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, Campinas, 2014.



Figura 12 – Fotografias de exposição realizada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, Campinas, 2014.



Figura 13 – Fotografias de exposição realizada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, Campinas, 2014.



Figura 14 – Fotografias de exposição realizada no 19º Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP, Campinas, 2014.

Nas perambulações por escolas, espaços culturais, universidades, praças, banheiros, ladrilhos, ofereceram-se imagens e escritas múltiplas, marcas de singularidades em gestos, histórias, cantos, objetos, corpos. Desviando-nos de uma busca de identificação única e de uma consciência modelar sobre as africanidades, diversas narrativas nos arremessaram para as duras margens do racismo: marcação identitária que se faz fixa, excludente, normatizada e perversamente naturalizada. As fortes ressonâncias de processos de exclusão e segregação sistemáticos e modos de subjetivação que excluem as diversas partículas da diferença – no corpo, na fala, no gesto, nas crenças, nos espaços sociais – foram a força para as invenções do grupo de alunos envolvidos no projeto.

Silvio Gallo (2014) – com Foucault, Deleuze e Guattari –, descreve o racismo de estado presente fortemente na sociedade de controle num movimento de apagamento da diferença e instituição do reinado do *mesmo*. Há um tenso e doloroso reconhecimento do racismo como uma cultura complexa que perpassa pessoas, espaços, tempos, instituições, discursos e omissos silêncios. Tensões que, quando acolhidas no processo de criação, fizeram-nos perder a voz, perder o ar, perder as palavras... Misturar partículas várias das africanidades, tentando abrir frestas na imagem de um rosto tensionado

pelo *mesmo*, via poesia, via criação fotográfica, se fez como um desejo de “[...] fazer da política do *acontecimento*, irrupção das diferenças, aparecimento de lógicas múltiplas, não se remetendo à lógica única do biopoder” (Gallo, 2014, p. 26). Lidar com as linguagens verbais e imagéticas pela potência da poesia, da arte e da ficção, rasurando o desejo de retenção de uma verdade, deu abertura a uma outra relação com os sentidos e, talvez, a uma outra forma de habitar a diferença. Este habitar a diferença aqui pensado como abertura e sensibilidade a outras formas de experimentar o mundo no encontro entre gentes, palavras e imagens, como abertura a outros modos de dizer e pensar os problemas que nos percorrem. Diferença que se instaura nos modos de sentir, narrar, ver e pensar. O poético do *acontecimento* cinde as formas já dadas de expressão: “[...] essa cisão poética (um novo sentido) é, simultaneamente uma cisão política (um novo começo). Ao introduzir algo novo que rompe com o anterior, algo novo que é assombro, o poético manifesta uma força política” (Vilela, 2010, p. 19). No arremesso das palavras e das imagens no mundo, o desejo de grito aos pensamentos normalizadores dos corpos, das trajetórias de vida, das subjetivações e das identidades que se querem fixas e estereotipadas para garantir a *mesmidade* nos modos de habitar os espaços e os tempos.



### Notas

<sup>1</sup> O projeto possibilitou o contato de jovens de escolas públicas e de comunidades não-escolares com as dimensões estéticas da literatura e das artes visuais – cinema e fotografia – estimulando a criação com palavras e imagens, em especial com a poesia e com a fotografia. O projeto faz parte das ações do Núcleo de Leitura da Associação de Leitura do Brasil (ALB), entidade sem fins lucrativos sediada na Faculdade de Educação, Unicamp (Campinas, SP). O Núcleo de Leitura da ALB é ligado ao Movimento por um Brasil Literário <[www.brasilliterario.org.br](http://www.brasilliterario.org.br)>, um espaço plural de articulação de pessoas, organizações sociais e movimentos engajados na defesa pelo direito à literatura. Para acessar as notícias do Núcleo: <<http://fabulografias-alb.blogspot.com.br/>> ou <[www.fabulografias.weebly.com](http://www.fabulografias.weebly.com)>.

<sup>2</sup> Trecho de notícia do blog Núcleo de Leitura Fabulografias - ALB (2013) do primeiro encontro-exposição-sarau realizado no Centro de Cidadania, Bairro Vida Nova, a convite do Instituto Voz Ativa e grupo Savuru.

<sup>3</sup> Trecho de notícia do blog Núcleo de Leitura Fabulografias - ALB (2013), produzida pelos bolsistas do projeto: Alessandra Melo; Maicon Braga Campos; Beatriz Barboza; Angélica Brotto; Ana Bittencourt e Paulo Ricardo Silva.

<sup>4</sup> Trecho extraído do relatório final do projeto da bolsista Angélica Brotto.

<sup>5</sup> Galeano (2009, p. 97).

<sup>6</sup> Narrativa criada a partir do encontro com Leonice Sampaio Antonio (Tia Nice) em oficina-sarau em diálogo com imagens criadas nos encontros.

<sup>7</sup> Narrativa criada a partir de encontros com Beatriz Barbosa, estudante de pedagogia da Unicamp, em diálogo com imagens criadas nos encontros.

<sup>8</sup> Narrativa criada a partir da exposição realizada no Centro de Cidadania, Vila Vida Nova, Campinas/SP.

<sup>9</sup> Mixagem de poemas das oficinas de criação poética.

<sup>10</sup> Trecho de relato de Alessandra Melo, bolsista do projeto.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **A Comunidade que Vem**. Tradução de Antònio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Mapeando a Educação Ambiental e a Formação de Professores pelos Esfacelamentos da Modernidade. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 62-68, 2001.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Duração: Currículo≠Refrão≠Repetição≠Imaginação. **ETD. Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, p. 324-331, 2008.

BARROS, Manoel de. **Retrato do Artista quando Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.



- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa** – Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GALLO, Silvio. Filosofia, Diferenças e Políticas: em torno do racismo de estado. In: GALLO, Silvio (Org.). **As Diferentes Faces do Racismo e suas Implicações na Escola**. Campinas: Leitura Crítica, 2014. P. 17-28.
- GARCIA, Wladimir. Entre Paisagens. **Pro-Posições**, Campinas, v. 18, n. 2 (53), p. 103-114, maio/ago. 2007.
- KRAUSS, Rosalind. **O Fotográfico**. Tradução de Anne Marie Davée. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2002.
- LINS, Daniel. A Escrita Rizomática. **Sibila**: revista de poesia e crítica literária, São Paulo, online, 2012. Disponível em: <<http://sibila.com.br/novos-e-criticos/a-escrita-rizomatrica/5331>>. Acesso em: 01 maio 2014.
- NÚCLEO de Leitura Fabulografias - ALB. Blog na web. 2013. Disponível em: <<http://fabulografias-alb.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 mar. 2015.
- ONDJAKI. **Há Prendisajens com o Xão** (o segredo húmido da lesma e outras descoisas) Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: estética e política. 2. ed. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Tradução de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- RIBEIRO, Cintya Regina. “Pensamento do fora”, conhecimento e pensamento em educação: conversações com Michel Foucault. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 613-628, 2011.
- ROMAGUERA, Alda Regina Tognini. **Vida e Arte e Educação e(m) Criações**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- VILELA, Eugènia. **Silêncios Tangíveis**. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto: Edições Afrontamento, 2010.
- WUNDER, Alik. Fotografias, Restos quase Mortais. In: AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de (Org.). **Conexões**: Deleuze e Imagem e Pensamento e... Petrópolis: DP et Alii Editora, 2010. P. 155-176.



Alda Regina Tognini Romaguera é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente e pesquisadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, na Universidade de Sorocaba (UNISO) Sorocaba/SP.  
E-mail: alda.romaguera@prof.uniso.br

Alik Wunder é doutora em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como professora e pesquisadora na Faculdade de Educação da Unicamp. Integra a diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB).  
E-mail: alik.wunder@gmail.com

Este texto inédito também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

*Recebido em 20 de outubro de 2014  
Aceito em 18 de dezembro de 2014*